



ETNOGRAFIA DA VIDA HAITIANA EM CUIABÁ: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO SOCIAL DOS ESTUDANTES.

Marina Garcia Lara¹
Aloir Pacini²

RESUMO

O presente trabalho apresenta as contribuições de um projeto social desenvolvido com haitianos na vida dos estudantes de uma escola, no município de Cuiabá-MT. A partir da iniciativa da instituição da rede privada de ensino, cerca de trinta voluntários, entre eles pais e estudantes, dedicam-se a visitas ao bairro para conversar com os moradores e entender sobre os desafios nos caminhos que os trouxeram até o município. A partir da etnografia, objetiva-se compreender as contribuições de projetos sociais e ações solidárias na formação dos estudantes. Os relatos dos voluntários que estão envolvidos nas atividades aqui descritas são colhidos através de diálogos e entrevistas para aprofundar a descrição acerca de suas experiências proporcionadas pela escola.

Palavras-chave: haitianos; migrantes; estudantes; projetos sociais.

1. INTRODUÇÃO

O número de migrantes internacionais tem aumentado nos últimos 50 anos. Em 2020, quase 281 milhões de pessoas viviam em um país diferente do seu país de origem, ou seja, 128 milhões a mais do que 30 anos antes, em 1990 (153 milhões), e mais de três vezes o valor estimado de 1970 (IOM, 2022, p. 23). Sobre o termo, Sayad (1998) destaca que migração não se trata apenas de deslocamento físico, mas também de deslocamentos econômicos, políticos e, sobretudo, sociais. As consequências desses deslocamentos evidenciam um dos sintomas da crise civilizacional, o fenômeno do descuido, do abandono (BOFF, 1999). O espírito do cuidado com a casa comum apresentada pelo Papa Francisco, sobretudo nos dois anos que seguem desde o início da pandemia, inspiram uma instituição escolar a incentivar o olhar atento e a escuta fraterna entre estudantes e migrantes. Com o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, “su escuela, siendo solidaria com la comunidade, también se convirtió em una mejor escuela para ellos” (TAPIA, 2000, p. 14).

¹Mestra em Antropologia Social pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, profmarinalara@gmail.com;

² Pós-doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, pacini aloir@gmail.com;

As seguintes transformações ocorridas no mundo, em especial nos últimos anos com a ocorrência de uma pandemia por Covid-19 (WORLD HUMAN ORGANIZATION, 2020) tem contribuído para que a escola repensasse não apenas suas práticas pedagógicas, mas também as ações direcionadas à formação social dos estudantes. Em 2021, o lançamento do Dicionário do Pacto Educativo Global trouxe à luz dos educadores importantes conceitos a serem trabalhados durante o exercício da vida escolar visando o bem comum,

O bem comum é precisamente a disponibilidade de se colocar a serviço da fraternidade e da corresponsabilidade. Sendo a educação o caminho privilegiado para o bem comum, ela precisa ser integral, inclusiva e dialógica [...]. O bem comum precisa ser integrado à realidade educativa como um objetivo fundamental. No currículo, deve ser um princípio norteador dos objetivos de aprendizagem, pautado nos princípios e valores de uma ética ecológica integral (CONTRERAS *et al.*, 2021, p. 34).

Assim, faz-se necessário repensar também iniciativas sociais que se relacionam com a formação dos estudantes como pessoas com alta densidade social e que refletem a respeito do que está acontecendo ao seu redor, uma vez que:

“O nosso aluno tem de ser considerado em sua plenitude, e não apenas como uma criança que está à disposição do professor e da escola para ser ensinado. Se a preocupação da escola é formar cidadãos, o aluno precisa ser visto como indivíduo que vive em sociedade” (CALLAI E CALLAI, 2002, p. 66).

A partir desse espírito transformador, uma escola da rede privada de ensino no município de Cuiabá-MT voltou seus olhos para uma situação que ocorre debaixo de seus olhos: a migração de haitianos para a cidade buscando melhores condições de vida e de trabalho. Observamos que, em geral, os trabalhos voluntários estão mais ligados a instituições religiosas, mas também uma cultura de voluntariado cresceu enormemente na Europa e EUA, nos tempos revolucionários de 1960 com a chamada *aprendizagem-serviço*. No século passado foi importante a Operação Rondon com estudantes dos centros urbanos que atuavam nas periferias e nos lugares mais ermos do Brasil. Com a iniciativa de Paulo Freire, a alfabetização era um dos campos mais urgentes para qualificar a população com serviços voluntários nas várias áreas de atuação profissional. Em Mato Grosso uma importante iniciativa idealizada pelo Padre João Dornstauder atuou na Missão Anchieta com voluntários vindos da Áustria³ para o trabalho com

³ Para mais informações ver PACINI, Aloir. *Um Artífice da Paz entre seringueiros e índios*. Editora Unisinos. 2015; PACINI, Aloir. *Um Artífice da Paz entre os Rikbaktsa*. EdUFMT. 2019.



os povos indígenas e seringueiros. Os campos de atuação mais urgentes costumam ser a saúde⁴ e a educação, que, conforme Art. 2º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB):

Art. 2º A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1996).

As formas de serviços voluntários hoje em dia já podem ser encontradas nos cinco continentes. Conceitualmente, a aprendizagem-serviço é:

[...] la metodología de enseñanza y aprendizaje a través del cual los jóvenes desarrollan habilidades a través del servicio a sus comunidades. Un bueno programa de aprendizaje-servicio les permite a los jóvenes realizar tareas importantes y de responsabilidad en sus comunidades y escuelas; la juventud asume roles significativos y desafiantes en una variedad de lugares, tales como guarderías, museos, actividades extraescolares, proyectos ecológicos, bibliotecas o centros de jubilados (HALSTED, 1998, p. 23).

O Congresso dos Estados Unidos sancionou em 1990, a *National and Community Service Trust Act*, onde define a aprendizagem-serviço como sendo:

- un método por el cual los estudiantes aprenden y se desarrollan a través de la activa participación en un servicio cuidadosamente organizado, que es conducido y que atiende las necesidades de una comunidad;
- está coordinando con una escuela primaria o secundaria, con una institución de educación superior, o un programa de servicio comunitario y con la comunidad;
- contribuye a desarrollar la responsabilidad cívica;
- valoriza el curriculum académico de los estudiantes y está integrado con él, o con los componentes educativos de los servicios comunitarios en los que están enrolados los participantes;
- provee tiempo estructurado para que los estudiantes o participantes reflexionen sobre la experiencia de servicio (TAPIA, 2000, p. 21).

Dessa forma, o desenvolvimento de projetos sociais como o que será descrito neste trabalho se apresenta como uma importante ferramenta na formação dos jovens. Além disso, a importância do envolvimento dos estudantes com as minorias é percebida a partir do rompimento de sua bolha social, uma vez que:

“Não tem cuidado com os empobrecidos e excluídos quem não os ama concretamente e não se arrisca por sua causa. A consolidação de uma sociedade mundial globalizada e o surgimento de um novo paradigma civilizacional passa pelo cuidado com os pobres, marginalizados e excluídos. Se seus problemas não forem equacionados, permaneceremos ainda na pré-história” (BOFF, 1999, p. 142).

⁴ Maria Angela Conceição Martins defendeu no Instituto de Saúde Coletiva (UFMT) uma tese de doutoramento em 2021, que pode ser acessada para quem deseja aprofundar nessa área seus estudos: “Cuidado e cotidianidade: (des)encontros entre haitianos(as) e trabalhadores(as) nos serviços de saúde”.



A partir da conscientização dos estudantes sobre a importância de adentrar novas realidades, especialmente das minorias, o projeto visa a preocupação com a *casa comum*,

O termo Casa Comum, portanto, evoca a consciência e a responsabilidade de cada pessoa que habita o Planeta Terra. Consciência de suas possibilidades existenciais e a responsabilidade pelo seu cuidado pessoal e coletivo, pois a casa é de todos e todas. E todos/as dela dependem para viver, sejam as atuais ou as futuras gerações. A ciência e todo o processo formativo geram o conhecimento dessas realidades fomentando a consciência e o compromisso no cuidado do ambiente vital. Missão essa que é de suma importância em todo processo educativo (CONTRERAS *et al.*, 2021, p. 40).

1.1 Do Haiti para Cuiabá: contexto histórico e social

O movimento de independência iniciado em 1791, a chamada Revolução Haitiana, foi o único protagonizado pela população escrava entre os países latino-americanos, e criou uma constituição própria para instituir o Estado do Haiti em 1804. Ademais, radicalizaram no combate ao racismo com a abolição da escravidão e das opressões geradas pelo capitalismo para chegar a uma maior igualdade social. Esse pioneirismo democrático que deve ser reconhecido principalmente em direitos humanos, levou a tensões nas metrópoles europeias - que recebiam o efeito cascata de independência nas outras colônias. O modelo de dependência econômica criado pelo colonialismo continuou por meio de projetos liberais e neoliberais e, mesmo depois da independência política, é mantido até hoje pelos órgãos de cooperação internacional.

Entre 2004 e 2017, o Brasil liderou a Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH) com força militar que apoiou às forças policiais haitianas. As denúncias de violências contra a população, os filhos que ficaram órfãos e a dificuldade em estabilizar o país são resultados de políticas sem enraizamento na cultura local. Tivemos levadas de migrações que marcaram a cidade de Cuiabá nos últimos anos, inicialmente com os haitianos e depois outros grupos também passaram a residir no Estado, como os venezuelanos e os Warao.

A imigração haitiana para o Brasil teve início em 2010, quando o Haiti foi devastado por um terremoto que deixou mais de 300 mil desabrigados, caracterizando a maior onda imigratória ao país em cem anos (FOLHA DE SÃO PAULO, 2012). Atualmente, os haitianos em Mato Grosso flutuam entre 3 e 4 mil e cerca 2,5 mil vivem em Cuiabá e Várzea Grande.⁵ Atualmente muitos atuam no

⁵ Segundo o Ministério das Relações Exteriores, o Brasil emitiu 26 mil *vistos humanitários* para imigrantes haitianos de 2012 até julho de 2015, sendo 20 mil em Porto Príncipe e 6 mil em Quito. Depois disso a embaixada em Porto Príncipe emite cerca de 2 mil vistos humanitários por mês. Ver <https://www.gazetadigital.com.br/editorias/opiniaio/haitianos-em-cuiaba/457935>;



comércio informal na região central de Cuiabá. Dessa forma, para terem emprego digno, haitianos e venezuelanos foram contratados para trabalhar em instituições escolares. Os primeiros vieram através do Sistema Nacional de Emprego (SINE) que também faz intermediação entre empresas e migrantes e os migrantes vindos da Venezuela foram mediados diretamente pela Casa dos Migrantes. Com a chegada dos haitianos na escola em estudo houve o envolvimento da comunidade acadêmica como um todo e foi possível escutar suas demandas e muitas ações de cidadania foram feitas por iniciativa dos próprios estudantes:

Para bem habitar a cidade, é preciso bem distribuir o acesso às possibilidades da cidade, como se vê “(...) numa aldeia que educa é fácil encontrar a convergência para uma educação que saiba fazer-se portadora duma aliança entre todos” (Papa Francisco). A cidadania começa a se forjar no exercício de cativarmos as comunidades a reconhecerem seus desafios coletivos. [...] Desenvolver práticas educativas atentas à cidadania está em reconhecer na história as profundas desigualdades que cindem nosso povo e geram profundas dores (CONTRERAS *et al.*, 2021, p. 44).

James Clifford (1997) procurou dar um status de instrumento analítico ao termo diáspora, amplamente difundido nas discussões atuais sobre globalização, migrações e etnicidade. Trata-se de uma categoria de origem bíblica para falar da dispersão dos cristãos e judeus depois da destruição do Templo de Jerusalém no ano 71. Apesar da multiplicidade de formas de que as diásporas se revestem na história, Clifford:

“insiste em que a sua unidade só pode ser afirmada por oposição aos processos que afetam as nações e os povos indígenas - excluídos estes da noção de diáspora porque jamais deixariam de estar referidos à sua própria origem” (OLIVEIRA, 1998, p. 63).

A diáspora haitiana⁶ para os EUA e a Europa é anterior ao terremoto de 2010. Como a entrada destes migrantes aos países ricos tornou-se cada vez mais difícil, o Brasil, que se encontrava em pleno crescimento econômico, tornou-se atração para imigrantes. Outro fator que contribuiu para que os haitianos escolhessem o Brasil como destino são as relações conjugais que soldados brasileiros mantiveram no Haiti quando integraram a Missão das Nações Unidas para estabilização do Haiti.

Segundo o Serviço Jesuíta a Migrantes e Refugiados (SJMR), a pandemia complicou ainda mais a situação dos estrangeiros no Brasil e há uma fila de mais de 20 mil pedidos de

⁶ O pesquisador haitiano Joseph Handerson in “Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas” (2015), ressalta os traços da noção de *diáspora* para os haitianos e como essa condição foi naturalizada e incorporada na cultura e na sociedade haitiana, ou seja, “é ao mesmo tempo, uma construção ideológica e prática que modela a vida social das pessoas”, para além dos lugares geográficos, é uma forma de ser migrante, “um mundo idealizado e vivido” (HANDERSON, 2015, p. 70).



renovação e regularização da Carteira de Registro Nacional Migratório, uma espécie de documento de identidade do estrangeiro, cuja emissão é de competência da Polícia Federal. Sem estarem regularizados no país, os migrantes não podem pedir benefícios ou ter acesso à saúde e educação dignos ou mesmo auxílios emergenciais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender melhor os haitianos, é importante saber que a língua chamada *creole* (crioula) está relacionada a uma cultura distinta produzida como resultado da convivência de duas ou mais culturas e faz surgir algo novo. O termo português crioulo (nativo) como estilos próprios de culinária, música e língua, transformou-se em *criolli* no espanhol e *creole* no francês.

No contexto caribenho, o termo referia-se aos descendentes de europeus nascidos ou que viviam no Caribe. Também era usado para distinguir um escravo nascido nas Índias ocidentais de um africano. Os nascidos nas ilhas desenvolveram seu próprio dialeto, música e cultura, e a palavra creole passou a significar qualquer coisa recriada no Caribe (provavelmente uma ramificação do latim *creare*, de “criado originalmente”). Pratos, dialetos e formas artísticas muito particulares passaram a ser conhecidos como creole, o que denota algo muito positivo e original. Hoje em dia, o termo creole descreve qualidades cultivadas para uso local, exclusivas de grupos étnicos, especialmente no que diz respeito a linguagem e dialeto (CASHMORE, 2000, p. 152).

Para conhecer o grupo e a cultura estudados neste trabalho, fazemos uso da etnografia densa (GEERTZ, 1989), a partir da participação e observação nos sábados à tarde durante os meses de agosto, setembro e outubro de 2021 no Bairro Terra Prometida. Para uma definição cabível nas mais diversas áreas, além da Antropologia que, especialmente, se dedica a “testemunhar outras humanidades” (DA MATTA, 1992, p. 58), a etnografia pode ser descrita como:

Em sua forma mais característica, envolve o etnógrafo participando, abertamente ou secretamente, da vida cotidiana das pessoas por um longo período de tempo, observando o que acontece, ouvindo o que é dito, fazendo perguntas - Na verdade, coletando todos os dados disponíveis para lançar luz às questões que são o foco da pesquisa (HAMMERSLEY, 1995, p. 1).

Como se trata de um trabalho pastoral inspirado nos legados de Santa Emílie de Villeneuve que, já no começo da Congregação de Nossa Senhora da Conceição de Clastres deixou para nós um apelo de estarmos no Haiti, agora que o país veio até nós, não podemos nos omitir. Outro detalhe é o apelo do Papa Francisco, para o qual a cultura do encontro deve superar



a “cultura da indiferença”. Por exemplo, o encontro entre Jesus e a viúva da cidade de Naim (Lc 7,11-17) humanizou o relacionamento entre ambos, mesmo sendo de etnias diferentes, porque despertou no coração a solidariedade e a compaixão. O encontro verdadeiro liberta a pessoa do egocentrismo, ajuda a sair de si mesmo para acolher o outro como seu/sua irmão/ã.

3. METODOLOGIA

No estudo detalhado do grupo em questão, fazemos utilização de observação participante: “com efeito, uma das características mais visíveis e positivas [...] é justamente a valorização da observação participante e a preocupação com a natureza da relação do pesquisador com a população estudada.” (DURHAM *in* CARDOSO, 1986, p. 25). Assim, o trabalho de campo da observação participante é a base da antropologia cultural e social (BERNARD, 2006, p. 342). Esse tipo de abordagem supõe um contato próximo entre o pesquisador e os nativos, e sugere um importante período de contato com o grupo observado.

Segundo Lüdke e André (1986, p. 18), a abordagem qualitativa “é aquela que se desenvolve numa situação natural, é rica em dados descritivos e tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”. Além disso, alguns participantes descrevem, voluntariamente, suas impressões sobre as visitas e algumas são descritas pelos pesquisadores.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

No dia 14 de agosto de 2021, cerca de 30 missionários se encontraram no colégio. Em uma conversa rápida, em círculo, todos se apresentaram: mulheres, homens, jovens, estudantes e religiosas, todos unidos pela solidariedade. Relembramos a proposta do Papa Francisco no Pacto Educativo Global⁷ sobre a necessidade da chamada Escuta Fraterna que é:

A atitude consciente, permanente e oferente de ouvir - com respeito, ética, atenção e real interesse - o outro, que busca compreendê-lo, a partir do lugar dele, o que deseja e precisa transmitir, que capta a totalidade de sua expressão verbal, corporal e gestual,

⁷ Segundo a Associação Nacional de Escolas Católicas (Anec, 2021), o Pacto Educativo Global é um chamado do Papa Francisco para que todas as pessoas no mundo, instituições, igrejas e governos priorizem uma educação humanista e solidária como modo de transformar a sociedade. No dia 15 de outubro de 2020 o Pacto foi lançado no Vaticano e, desde então, todo o globo tem se mobilizado para discutir, mobilizar e tornar o pacto algo concreto em nossas políticas educacionais e institucionais.



e que o acolhe em sua complexidade identitária, possibilitando o diálogo promotor de relações saudáveis e desconstrutor de conflitos, bem como a reflexão geradora de interações e de mudanças sociais (CONTRERAS *et al.*, 2021, p. 89).

Dessa forma, todos concordaram que a visita ao bairro seria muito mais de escuta dos haitianos e, de forma integral, estando inteiros nos diálogos com eles, e com poucas falas previamente pensadas. O objetivo era iniciar laços de amizade e fomentar conversas profundas para conhecermos quem são aquelas pessoas e como vivem. Além disso, procuramos compreender como essa proximidade com outras realidades agregaria na formação social de nossos estudantes.

O bairro Terra Prometida, localizado no município de Cuiabá, Estado de Mato Grosso, abriga cerca de 350 famílias, entre brasileiros e haitianos. Na parte visitada do bairro, vivem aproximadamente 30 famílias. Segundo Hannerz (2005, p. 22) “isso também é uma contribuição da antropologia aos estudos urbanos: a antropologia urbana como instrumento pelo qual os habitantes da cidade possam pensar de maneira nova sobre o que se passa ao seu redor”. O grupo de voluntários se dividiu sem critérios específicos para percorrer as ruas do bairro que está ainda em formação em meio à poeira das ruas e as casas precárias para assegurar o local para eles e conversar com os haitianos. Quando questionados sobre a influência da formação social baseada em aprendizagem-serviço, uma das estudantes destaca a importância que tem de conhecer a realidade de uma população migrante, por vezes marginalizada da cidadania brasileira. À um dos pesquisadores, o jovem relata que:

Ao participar de projetos sociais, consigo perceber facetas da vida diferentes da realidade a qual estou acostumada e, com isso, repensar a maneira que eu vivo e realizar uma reforma íntima com o intuito de poder aplicar, futuramente, todo conhecimento que adquiri na minha comunidade.

Outro estudante destaca, ainda, que auxiliar os demais não é complicado, pode ter sido importante oferecer ouvidos, reconhecer o outro como irmão nesses projetos sociais: “sem dúvida, me deram a oportunidade de poder ajudar, mesmo que em pequeno nível, pessoas necessitadas, seja com meu tempo ou com os ouvidos, na Terra Prometida.” Sobre o reflexo da formação social no mercado de trabalho, uma estudante reitera: “acredito que a formação social é um mecanismo maravilhoso, capaz de auxiliar na minha vida, independentemente do contexto, porque com ela, desenvolve-se a eloquência, a empatia e a cooperação.”

Sabe-se que existem necessidades básicas próprias de um bairro, tais como água encanada, energia elétrica, asfalto, que faltam na Terra Prometida. Enquanto educadores e



estudantes, todos estão se dispondo a ir ao encontro do outro mais carente para, a partir dos valores da compaixão, da solidariedade, da generosidade e da reciprocidade chegarmos ao bem comum mais estendido. Apesar da dificuldade na comunicação em virtude da falta de conhecimento do crioulo haitiano de nossa parte, e do português por parte deles, é consenso entre os voluntários que, entre gestos e sorrisos, as informações são enviadas e recebidas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que o projeto não tenha terminado por tratar-se de uma constante atividade de auxílio aos haitianos, é evidente que, apesar de o objetivo ser o amparo aos imigrantes para estabelecerem-se com dignidade no local, outros benefícios são percebidos. Sobretudo, é notória a contribuição importante da aprendizagem-serviço para a vida não somente dos estudantes envolvidos - que são voluntariamente convidados a saírem de suas bolhas sociais, mas também de pais, professores e voluntários.

Essa mudança na perspectiva de vida proporcionada pela inserção na dinâmica acadêmica de programas de inclusão sociais próprios de um trabalho de extensão dos estudos na vida mais ampla os leva a pensar o futuro considerando todas as pessoas, não somente as que lhes são conhecidas ou familiares. O sentimento de solidariedade é desperto para que sua atenção se volte também para os que não tem casa, comida, estudos, ou trabalho para sobreviverem dignamente.

Assim sendo, as visitas periódicas continuarão sendo feitas no bairro Terra Prometida pelo grupo de missionários do colégio. A partir das demandas observadas, um diário de campo está sendo criado e há uma união de esforços para resolução de questões mais urgentes e imediatas. Os haitianos que estão no Brasil são pessoas destemidas, geralmente fazem parte de uma parcela da população de lá que estudou e tinha algum recurso para viajar e se aventurar no mundo. Entretanto, os recursos gastos com viagens são sempre altos e ficam com dívidas por muito tempo, pois, muitas vezes o recurso financeiro utilizado nas viagens é emprestado. A rede de solidariedade entre eles é o que os mantém vivos no Brasil e em tantos outros lugares, mesmo entre tantas dificuldades. Nessa aproximação há uma partilha de saberes e culturas que nos enriquece e nos faz sentir que somos irmãos: iguais e diferentes.

REFERÊNCIAS



- BALEEIRO, M. C. *Fundamentos para uma ação educativa*. Salvador: **Fundação Odebrecht**, 1999.
- BERNARD, H. Russell. *Research Methods in Anthropology: Qualitative and Quantitative Approaches*. **Altamira Press**, 2006.
- BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. Petrópolis, RJ. **Vozes**, 1999.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996. BRASIL.
- CALLAI, H. C.; CALLAI, J. L. *Fichas metodológicas para o ensino de geografia e história*. Ijuí: Unijuí, 2002.
- CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: **Summus**, 2000.
- CONTRERAS, Humberto Silvano Herrera; PAULA, Ir. Jorge Luiz de, SJ; CHESINI, Ir. Cláudia (organizadores). *Dicionário do Pacto Educativo Global / Diccionario del pacto educativo global [E-book] / ACSC*. Curitiba: **ANEC**, 2021.
- CLIFFORD, James. *Routes. Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge/London: **Harvard University Press**. 1997.
- DA MATTA, Roberto. *Relativizando o interpretativismo*. In: CORREA, Mariza e LARAIA, Roque (orgs.). Roberto Cardoso de Oliveira: homenagem. Campinas: **Unicamp** / FCH, 1992.
- DURHAM, Eunice R. *Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método*. In: CARDOSO, Ruth C.L. (org.). *A aventura Antropológica. Teoria e pesquisa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
- FOLHA DE SÃO PAULO (2012). “Vinda de haitianos é maior onda imigratória ao país em cem anos”. <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/1033447-vinda-de-haitianos-e-maior-onda-imigratoria-ao-pais-em-cem-anos.shtml>. (Acesso em 14/07/2022)
- HALSTED, A. *Educación redefinida: la promesa del aprendizaje-servicio*. in Ministerio de Cultura y Educación de la Nación. Actas I Seminário. 1998.
- HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. *Ethnography: Principles in practice*. London: **Routledge**, 1995.
- HANDERSON, Joseph. *Diáspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas*. In: Diásporas. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jun. 2015.
- INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION – IOM (2022). “World Migration Report 2022”.
- LÜDKE, M.; ANDRE, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: E. P. U., 1986.



MCAULIFFE, M. and A. Triandafyllidou (eds.), 2021. *World Migration Report 2022*. **International Organization for Migration (IOM)**, Geneva.

OLIVEIRA, João Pacheco de. *Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais*. **Mana**. Vol. 4/1. abril de 1998: 47-77.

SAYAD, Abdelmalek (1998). *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.

TAPIA, M. *La solidaridad como pedagogía: el aprendizaje servicio en la escuela*. Buenos Aires: Ciudad Nueva, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *Coronavirus disease (COVID-19) outbreak [Internet]*. Geneva: World Health Organization; 2020. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019>